

CAPÍTULO II

As Teorias sobre o Subdesenvolvimento

Para que possamos entender por que o Brasil é um país subdesenvolvido devemos situar a economia brasileira nos quadros da história e da dependência.

É claro que poderíamos querer dar explicações mais imediatas. Poderíamos dizer que o Brasil é subdesenvolvido porque seus trabalhadores não dispõem de uma quantidade suficiente de meios de produção (de máquinas principalmente) para trabalhar. Ou então que não dispõem da necessária soma de conhecimentos técnicos necessários a uma alta produtividade. Ou porque a população brasileira não só é excessiva em relação à disponibilidade de meios de produção, mas também cresce a taxas excessivamente elevadas. Falta de capital e falta de tecnologia, entretanto, são causas óbvias que, afinal, nada explicam. O crescimento da população a taxas muito mais elevadas do que ocorre ou ocorreu nos países hoje desenvolvidos é sem dúvida um obstáculo ao desenvolvimento, mas não pode ser considerado uma causa do subdesenvolvimento. O que é preciso saber é por que não temos quantidade suficiente de capital e de tecnologia por trabalhador e por que a população brasileira cresce a taxas que dificultam o processo de desenvolvimento.

Há algumas outras "teorias" para explicar o nosso subdesenvolvimento já muito desmoralizadas, mas que devem ser lembradas. São explicações tolas, produto de um arraigado complexo de inferioridade colonial e da necessidade de as classes dominantes justificarem o *status quo*, a situação estabelecida. Por isso acabam sempre ressurgindo sob os mais variados disfarces. Refiro-me às explicações climáticas (o Brasil é um país tropical...), às explicações raciais (o Brasil é um país mestiço...), às explicações culturais (o Brasil é um país latino e não anglo-saxão ou japo-

nês...), às explicações geográficas (o Brasil não tem petróleo, ou não tem ferro perto de carvão...).

Descartadas essas explicações ridículas e aquelas explicações óbvias, mas que nada informam (falta de capital e de tecnologia), existe ainda uma explicação conservadora, a chamada “teoria da modernização”. O Brasil teria uma economia subdesenvolvida porque tradicional, pré-capitalista, feudal, semifeudal. Porque sua população não pensa em termos capitalistas, não se preocupa com produtividade, com maximização de lucros, com investimentos produtivos. A sociedade brasileira seria dual: um setor tradicional, pré-capitalista e um setor moderno, capitalista. O peso do setor tradicional, entretanto, seria tão grande que impediria o desenvolvimento do capitalismo neste país.

Essa teoria, muito em moda entre as mentalidades conservadoras, substituiu as antigas explicações culturais hoje desmoralizadas. Seu caráter ideológico é evidente. O Brasil seria subdesenvolvido por falta de capitalismo, quando nós sabemos muito bem que capitalismo é algo que não faltou jamais neste país. O modelo seriam os países capitalistas adiantados, modernos. Como nossa economia deveria ser igual à deles, faltalhe capitalismo, é dual, tradicional.

Os defensores dessa explicação acabam propondo como solução para os problemas do nosso subdesenvolvimento um amplo trabalho de “educação”, através do qual se modernizaria as populações tradicionais, que assim seriam convencidas a trabalhar com mais afinco, a poupar, a saber que “tempo é dinheiro”, e que é possível “fazer-se por si mesmo” desde que se trabalhe. A ideologia do capitalismo — individualista, baseada no lucro e na hipótese da mobilidade social — é, assim, transplantada para o Brasil da maneira mais elementar.

No extremo oposto existe a “teoria do imperialismo”. Se para a teoria da modernização o problema do Brasil é falta de capitalismo, para a teoria do imperialismo o Brasil seria subdesenvolvido porque foi permanentemente explorado pelos países capitalistas imperialistas. Todo ou grande parte do excedente econômico (ou seja, da produção que excede o consumo necessário dos trabalhadores) que o Brasil produz ou produziu foi sempre e sistematicamente transferido para a metrópole: primeiro para Portugal, depois para a Inglaterra e, afinal, para os Estados Unidos. Por isso seríamos subdesenvolvidos.

Embora essa explicação esteja mais próxima da realidade, ela também é inaceitável. Sem dúvida o Brasil foi sempre explorado pelas potências metropolitanas. Mas, se excluirmos Portugal, que era ele próprio uma metrópole subdesenvolvida, veremos que, quando os países hoje desenvolvidos, Inglaterra, França e Estados Unidos, em fins do século XVIII ou começo do século XIX, realizavam sua Revolução Industrial e

completaram a Revolução Capitalista, o Brasil já estava muito atrasado. Sua renda por habitante era muito inferior à daqueles países. Sua tecnologia muito menos desenvolvida. Depois a economia brasileira entrou em contato com aqueles países, desenvolveu-se e ao mesmo tempo foi explorada. E o atraso, se não se aprofundou, manteve-se ao mesmo nível, enquanto outros países, como a Alemanha, o Japão e a Rússia se desenvolviam.

Na verdade só é possível compreender o subdesenvolvimento brasileiro no plano da história. Ao invés da teoria da modernização ou da teoria do imperialismo, o que necessitamos é de uma "teoria histórica do subdesenvolvimento". Esta teoria deverá partir da distinção entre o capital mercantil e o capital industrial, e procurar compreender por que no Brasil, como, aliás, em toda a América Latina, o capital mercantil permaneceu tão longamente dominante, dificultando a emergência do capital industrial.

Por outro lado, o capital industrial, ao penetrar tardiamente na economia capitalista mercantil brasileira (aliás marcada por fortes traços pré-capitalistas), irá encontrar não só fortes obstáculos da parte das estruturas mercantis e pré-capitalistas, mas também se revelará incapaz de absorver a força de trabalho abundante que o capital mercantil gerou durante quatro séculos. O capital industrial insuficiente e a tecnologia poupadora de mão-de-obra empregada penetrarão então como uma cunha na sociedade capitalista mercantil formando uma sociedade dualista e subdesenvolvida. Na verdade o capital industrial penetra no Brasil em duas grandes ondas. A primeira, gerada aqui mesmo, tem suas primeiras manifestações no final do século passado e seu grande desenvolvimento a partir dos anos trinta. É o capital local e competitivo. A segunda, marcada por forte componente de capital estatal e de capital multinacional, ocorrerá nos anos cinqüenta. É o capital monopolista. Em ambos os casos a economia será marcada por uma heterogeneidade-estrutural que definirá a própria condição do subdesenvolvimento.